

7. Estamos sendo encurralados no nosso próprio território

Lenise Felício Batista

Sou Lenise Felício Batista, sou Palikur-Arukwayene, sou da Aldeia Kumenê, na Terra Indígena Uaçá. Sou da turma 2017 do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Deixei a cidade e retornei para a aldeia para ficar com a minha família durante a pandemia. O principal motivo de sair da cidade foi a segurança da minha filha que acabara de nascer, pois ficar na cidade seria mais arriscado, e nós sabíamos que tudo iria se complicar com a chegada da COVID-19. Fiquei durante um mês na Aldeia Kumenê, mas por motivos pessoais acabei me mudando para a Aldeia Manga, aldeia do meu esposo, onde estou hoje.

Estamos vivendo uma experiência de isolamento social onde todos nós temos que ficar em casa, único meio de proteção e combate ao coronavírus. Nossos caciques tiveram que adotar medidas de proteção contra a COVID-19, como usar máscaras, evitar aglomeração de pessoas, proibir a entrada de não indígenas e indígenas vindos da cidade. Muitas pessoas tiveram que deixar de vender sua farinha na cidade, visitar seus parentes, reunir os amigos e familiares no final de semana, passear pela aldeia no final do dia e tomar banho no rio com os amigos, pois o confinamento não nos permite mais a liberdade que tínhamos.

O mundo inteiro está vivendo o caos, o medo, a insegurança e, principalmente, o luto causado por essa nova ameaça chamada coronavírus. Enfrentamos um inimigo terrível que deixa seu rastro por onde passa, um inimigo que não escolhe suas vítimas, apenas destrói o que tem pelo caminho, destrói sonhos, separa famílias e tira vidas. Há dois meses estamos isolados em nossas aldeias, pois sabemos o perigo que corremos se continuarmos indo para a cidade. O fato de estarmos na aldeia não quer dizer que estamos totalmente protegidos, muito pelo contrário, mais do que nunca teremos que redobrar o cuidado para proteger nossas famílias, pois a ameaça é algo invisível.

Os moradores da Aldeia Manga vivem dias de tensão pelo fato da aldeia ser a mais próxima da cidade, algumas famílias deixaram a Aldeia Manga para ficar com famílias que moram em outras aldeias, rio abaixo, ou se isolar em sítios e terrenos longe da aldeia, afim de não ter contato com as pessoas. Quando digo que vivemos momentos de tensão quero dizer

que estamos sendo encurralados no nosso próprio território. Como em todo mundo, há conflitos entre as pessoas que partilham diferentes opiniões em relação ao isolamento social, muitos tem a consciência da importância de seguir as regras do confinamento para o bem da comunidade, outros, simplesmente não entendem.

Acredito que durante essa quarentena teremos tempo para repensar nossos atos e atitudes. Começando pela nossa relação com a natureza, porque, de alguma forma, esse é o resultado dos atos dos homens contra a natureza e ela achou uma maneira de chamar a nossa atenção. Ailton Krenak diz que “o que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. ‘Filho, silêncio’. A terra está falando isso para a humanidade.” De fato, o que estamos vivendo hoje é uma prova de que a Mãe Natureza sabe punir quando quer e ao fazer isso fará do jeito dela. Esse novo vírus pode ser uma pequena amostra de que tudo que o ser humano cria ou produz pode se voltar contra ele.

Nesta quarentena estamos tendo a experiência de viver como os nossos antepassados viviam antigamente, mas descobrimos que viver do jeito que eles viviam antes do contato com os *paranah* (não índios) já não é mais viável. Percebi que, se for para deixar de viver como vivemos hoje e voltar a viver como os antigos viviam, muitos prefeririam viver como vivem hoje, porque já estão acostumados com as coisas básicas que a vida moderna oferece. Eu acordo todos os dias pensando que a qualquer momento esse vírus pode chegar até nós, medo de perder meus entes queridos para esse vírus. Tenho esperança que tudo irá ficar bem e que todos irão passar bem por tudo isso. Sei que muitas coisas não serão como antes, muitas famílias sentirão falta de alguém que se foi, um irmã(o), um pai, um filho(a), uma mãe ou esposo(a). Espero que depois da tempestade o sol brilhe no céu.

Aldeia Manga, Oiapoque, Amapá, Brasil

26 de maio de 2020